



# Lesbianidade, identidade e Teoria Queer

Lesbianity, identity and queer theory

Lesbianidad, identidad y teoría queer

*Júlia Moita*<sup>1</sup>  
*Martina Ahlert*<sup>2</sup>

## RESUMO

O artigo analisa as disputas em torno da noção de identidade no campo da teoria feminista. Partindo da Segunda Onda do feminismo, percorremos as tensões colocadas pela teoria lésbica nas décadas de 80 e 90 do século XX, as rupturas propostas pela teoria queer e as disposições do debate nos dias atuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teoria Lésbica. Teoria Queer. Identidade Lésbica.

## ABSTRACT

The article analyzes the disputes around the notion of identity in the field of feminist theory. Starting from Secod Wave of feminism, we go through the tensions posed by lesbian theory in the 80s and 90s of the 20th century, the ruptures proposed by queer theory and the dispositions of the debate today.

**KEYWORDS:** Lesbian Theory. Queer Theory. Lesbian Identity.

## RESUMEN

El artículo analiza las disputas en torno a la noción de identidad en el campo de la teoría feminista. Partiendo de la Segunda Ola del feminismo, recorreremos las tensiones planteadas por la teoría lesbiana en las décadas de los 80 y 90 del siglo XX, las rupturas propuestas por la teoría queer y las disposiciones del debate en la actualidad.

**PALABRAS CLAVES:** Teoría lesbiana. Teoría Queer. Identidad Lesbiana.

\* \* \*

---

<sup>1</sup> Professora assistente da Universidade Federal de Uberlândia, Brasil. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, Brasil. Email: [juliamoita@ufu.br](mailto:juliamoita@ufu.br).

<sup>2</sup> Professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, Brasil. Email: [martina.ahlert@ufma.br](mailto:martina.ahlert@ufma.br)

## Introdução

No final do século XX, a partir da década de oitenta, algumas obras publicadas por ativistas e teóricas lésbicas tornaram-se o centro do debate feminista e influenciaram publicações subsequentes em um campo de pensamento que posteriormente foi chamado de Teoria Queer. Neste artigo, consideramos dois textos clássicos do período: “A Heterossexualidade Compulsória”, de Adrienne Rich e “O Pensamento Hetero e outros ensaios”, de Monique Wittig, ambos publicados em 1980. Nos escritos, as autoras fazem deslocamentos em relação ao que vinha sendo observado e discutido pelas feministas da época, o que permite uma quebra de paradigma nos Estudos de Gênero e, também, em outras áreas das humanidades. Debates as ideias apresentadas em relação a três momentos dos estudos feministas. Primeiro, o contato com a Segunda Onda: utilizando a formulação do feminino em Simone de Beauvoir, que é confrontada diretamente por Wittig. Em seguida, mostramos as rupturas com relação aos Estudos Culturais, dialogando com Stuart Hall e a expectativa que o jamaicano nutria em relação às torções epistêmicas promovidas pelo feminismo. Por fim, analisamos as conexões entre as ideias lésbicas e os apontamentos de Judith Butler, a feminista queer por excelência, e Paul B. Preciado, que propõe uma revisão radical das subjetividades engendradas no Ocidente.

O deslocamento promovido pelas ideias de Rich (2010) e Wittig (2022), que trabalhamos aqui, diz respeito a perceber a heterossexualidade como um sistema político e não apenas como uma orientação sexual possível. Assim, a questão da identidade lésbica é tensionada já que “lésbica” deixa de ser um qualificador da categoria mulher e passa a ser uma posição de resistência diante das estruturas compulsórias da heterossexualidade.

## Identidade e feminismo: a Segunda Onda

A questão da identidade foi pensada pelo feminismo desde o início da Segunda Onda do movimento que inicia-se na década de sessenta como parte das manifestações contraculturais do período. A expressão "segunda onda" aparece pela primeira vez no título de um artigo publicado no *New York Times*, no dia 10 de março de 1968. Em “The Second Feminist Wave”, a feminista Martha Weinman Lear discorre sobre as novas formas de organização feminista e assim as nomeia porque considera que o movimento havia hibernado desde a conquista do voto no Norte Global e países periféricos. Por extensão, então, a luta sufragista - da virada do século XIX às primeiras décadas do século XX - passa a ser conhecida, no Ocidente, como a primeira onda do feminismo.

A concepção de feminismo em ondas, porém, tem sido criticada por algumas epistemologias contemporâneas - notadamente pelas feministas lésbicas, negras, interseccionais e decoloniais - que consideram essa categorização excessivamente normativa (RIBEIRO et al, 2021), além disso, ela refletiria os desdobramentos do movimento feminista hegemônico, distanciando-se da realidade das mulheres do Sul Global. Dessa maneira, a expressão é bastante problematizada no final do século XX, quando o feminismo predominante é localizado (branco, cis, heterossexual, do Norte Global) e passa a ser debatido como mais um dentre outros. Entretanto, as ondas são fundamentais para a compreensão dos debates feministas clássicos. Os temas e enfoques apresentados dentro dessa construção histórica e situada são as provas das exclusões promovidas pelo feminismo ocidental.

A preocupação teórica inicial da Segunda Onda estava voltada à busca do “especificamente feminino”, para que a categoria Mulher fizesse sentido. As bases biológicas do feminino foram rejeitadas pelas teóricas e o

construtivismo social era o ponto comum entre as diversas vertentes. O que parecia um avanço à época, décadas depois mostrou suas limitações, já que o “especificamente feminino” foi discutido a partir de um olhar eurocentrado.

Simone de Beauvoir (1967), filósofa existencialista francesa, por exemplo, analisou as diversas abordagens para a construção do feminino. No célebre “O Segundo Sexo”, lançado em 1949, ela discorre sobre os diferentes enfoques a respeito da desigualdade entre os sexos. Da mulher passiva, biologicamente explicada pela passividade do óvulo durante a concepção às explicações freudianas envolvendo a inveja do pênis e à visão engel-marxista que coloca a propriedade privada como central para a derrota histórica do sexo feminino, Beauvoir procura compreender como esses discursos se articulam e colocam a mulher em posição de desvantagem.

Mesmo sem questionar a existência da Mulher, Beauvoir (1967) é o ponto de partida epistemológico para que o sexo não seja visto como determinante para a diferença entre homem e mulher. A partir das discussões da francesa, a categoria gênero passa a ser utilizada para se referir à construção do feminino e do masculino como produtos da cultura humana. Tal debate domina a cena feminista e os Estudos de Gênero se tornam fundamentais no campo das humanidades.

No livro “O pensamento Hetero e outros ensaios” (2022) Monique Wittig subverte a famosa afirmação de Beauvoir que inicia “O Segundo Sexo” (“Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”). Para Wittig (2022), as feministas tem interpretado a frase procurando as raízes biológicas e históricas da opressão. Porém, esse ponto de partida estaria equivocado pois não questiona a heterossexualidade e, sim, os sujeitos que emergem dela. Considerar a relação homem e mulher como dada é ignorar o que, de fato, é a base desigual da sociedade: a heterossexualidade.

Wittig (2022) entende que a invisibilidade lésbica está enredada na maneira como os discursos são permitidos e autorizados na sociedade ocidental. De acordo com ela, a linguagem é apropriada pelos poderosos e retroalimenta o sistema de opressão. Assim, obter acesso à fala é complicado já que o discurso estabelecido (científico e teórico) é estranho aos oprimidos.

Por isso, ela propõe uma mudança de perspectiva em relação às lésbicas. “A lésbica não é mulher”, afirma (WITTIG, 2022). Porque não participa do jogo heterossexual, podendo, assim, criar uma identidade independente e autônoma. Dessa forma, a relação lésbica não aconteceria entre mulheres porque, para existir, uma mulher precisa se subalternizar discursivamente na heterossexualidade.

A feminista norte-americana Adrienne Rich (2010) também coloca a heterossexualidade como central para a discussão da opressão de gênero. Ela propõe dois conceitos que se tornam comuns para pensar a lesbianidade (heterossexualidade compulsória e *continuum* lésbico). Em "Heterossexualidade compulsória e existência lésbica" (2010), ela afirma que as feministas ocidentais nunca questionaram a heterossexualidade, o que levou ao apagamento da existência lésbica e, mais importante, levou as mulheres heteros a abrigarem-se no semelhante e deixarem-se assimilar pelo dominador.

### **Identidade, pós-modernidade e Teoria Queer**

Na década de cinquenta é fundado o Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), em Birmigham, Inglaterra. Nos anos sessenta, Stuart Hall assume a direção do centro e nela permanece por onze anos. Hall, embora não seja considerado um fundador dos Estudos Culturais, contribuí de forma definitiva para alargar o campo de pesquisa. Ele inicia os estudos de

subculturas e, aos poucos, o centro se torna uma referência para pesquisas de gênero, raça e etnia. O sociólogo jamaicano considerava que o feminismo era o mais disruptivo campo de saber do período e o centro passa a contar com um departamento de Estudos de Gênero

A contribuição do feminismo para os Estudos Culturais nos interessa, nesse trabalho, porque são justamente as discussões sobre gênero que conseguem estabelecer a ruptura mais radical em relação ao conceito de identidade. Para que esse rompimento ocorra, entretanto, a noção de descentramento do sujeito (HALL,1999) é fundamental.

Sturt Hall, em sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade” (1999), discute aquilo que as ciências sociais denominaram de "crise de identidade". Tal crise, segundo ele, está ligada ao descentramento do sujeito. As categorias estáveis que, antes, definiam o ser social não existem mais. Assim, é possível que alguém transite entre identidades ao longo da vida.

Hall (1999) percebe nesse movimento a emergência de um novo sujeito: o sujeito pós-moderno. A identidade, pensada como fixa, nunca foi estável. Assim, a marca da pós-modernidade seria a transitoriedade. Um mundo em permanente transformação evoca um sujeito que também está transitando.

Esse descentramento é, na verdade, um deslocamento no próprio discurso acadêmico e científico, propiciado primeiro pelo marxismo - que situa o sujeito numa perspectiva de classes e, portanto, não-universal -, depois, pela psicanálise - já que a ideia de inconsciente detona o sujeito racional -, pela linguística de Saussure - que verifica na linguagem uma instabilidade quanto aos significados -, pela filosofia de Michel Foucault - que coloca a disciplina das instituições modernas como controladora dos desejos individuais - e, enfim, pelo feminismo. Que desloca público e privado e coloca questões como gênero e sexualidade no cerne do debate sobre identidade (HALL, 1990).

Assim, os Estudos Culturais atuam de maneira afinada com os discursos feministas mais disruptivos da Terceira Onda, ou seja, aqueles que questionam as categorias identitárias tão caras aos movimentos contraculturais dos anos sessenta e, também, ao pensamento marxista, que se estrutura em torno do conceito de classe social. Embora os Estudos Culturais não sejam os interlocutores diretos dos feminismos pós-estruturalistas e queer, as críticas direcionadas a essas vertentes costumam vitimá-los também.

Em 1990, a norte-americana, Judith Butler, lança o livro “Problemas de Gênero”. E, se Beauvoir havia destituído a categoria sexo como ferramenta para pensar as desigualdades entre masculino e feminino, Butler (2003) questiona até que ponto gênero também não se naturaliza e se torna um destino. Ao fazer tais questionamentos, ela acerta, claro, o conceito de identidade. Que aqui não é apenas descentrada e, sim, uma ficção que busca, sem sucesso, aprisionar os sujeitos em um essencialismo.

A filósofa (2003) considera que não devemos entender gênero como identidade mas, sim, como atos performáticos recriados cotidianamente. Assim, faz-se homem ou mulher ao agir como homem ou mulher. Tal visão se afasta da noção de construção social (e de identidade) porque o processo não cessa, precisa ser continuamente recriado e vivido. Além disso, esse processo é marcado pela exclusão. Ou seja, a performatividade obriga que haja coerência entre diversos aspectos da vida para que o sujeito não seja estranhado.

O abjeto, de acordo com Butler (2001), seria o ser que não possui o status de sujeito porque os atos performativos realizados por ele não teriam coerência do ponto de vista social. A coerência discutida em Problemas de Gênero é, principalmente, entre sexo, gênero e orientação sexual. Se alguém é biologicamente mulher, deve se apresentar como mulher e ter relações

afetivas e sexuais com homens. Todo o ser que escapa dessa coerência é visto como abjeto pelas sociedades ocidentais.

A zona de abjeção, explica Butler, seria fundamental para a constituição dos sujeitos, uma vez que não basta a identificação com o normativo do sexo mas deve haver, também, um repúdio por aqueles que não compactuam com ele. A lesbianidade, de acordo com essa visão, é uma zona de abjeção. Isso acontece porque, entre as lésbicas, não há coerência entre sexo/gênero e orientação sexual. A questão da identidade lésbica é amplamente discutida pela literatura feminista contemporânea.

Adrienne Rich (2010) considera que a hierarquia homem/mulher está contida na heterossexualidade e as relações entre mulheres (mesmo relações não sexuadas) são vistas como fúteis ou sem importância. A identidade lésbica, aqui, não seria uma abjeção mas uma impossibilidade, estaria sempre no lugar do desvio e da incompletude. Por isso, Rich (2010) propõe que pensemos num *continuum* lésbico, que envolveria as experiências de identificação entre as mulheres, sendo um *locus* de criação e recriação dos significados. Um vínculo poderoso contra a opressão exercida pelos homens dentro da heterossexualidade compulsória. Esse *continuum* já existe na forma de rede de amparo entre mulheres de diversos estratos sociais. Segundo a autora, um feminismo da ação, sem teoria, tem aparecido em todas as culturas humanas. Um feminismo de ação é também o que reivindica Butler (2003) em “Problemas de Gênero”. Ao lançar o conceito de performatividade para entender as relações de gênero, a autora afasta as concepções de um sujeito identitário ou construído, uma vez que estar em ação atualiza as possibilidades.

Paul Preciado (2011) nos lembra que a noção de gênero é sexopolítica e foi cunhada com objetivos precisos - intervir cirurgicamente em pessoas intersexo. Depois, a teoria feminista passou a problematizar o termo transformando-o em conceito. Enfim, as minorias sexuais se apropriam desse



dispositivo médico-acadêmico e transformam gênero em manifestação do corpo. No clássico trecho de *Multidões Queer*, Preciado evoca:

"A sexopolítica tornase não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais... As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se queer." (PRECIADO, 2011, p. 4)

A ideia de multidões queer parece estar conectada, também, a um feminismo da ação. Preciado (2011) abandona qualquer possibilidade de fixar o sujeito dentro das categorias previstas pelas epistemologias disponíveis. Em posicionamentos mais recentes, Preciado (2020 e 2020a) propõe modelos experimentais de desidentificação. Para ele, a identidade é um sistema categórico severamente incorporado na cultura ocidental e para superá-lo são necessárias novas gramáticas que descolonizem as subjetividades. Assim, não se trata apenas de subverter o trio sexo/gênero e orientação sexual mas de criar categorias novas para que o sujeito escape do binarismo através de caminhos ainda não imaginados.

Em um projeto menos radical, Tanya Saunders (2017) chama a atenção para o projeto epistemológico colonial que colocava o homem branco como universal e o africano como não-humano. Através de uma abordagem interseccional, a autora revê como as categorias de raça, gênero e sexualidade operam para a construção do não-humano. O apagamento das lésbicas, nesse contexto, é fundamental para manter a opressão das mulheres heterossexuais. Ela propõe levar a lésbica negra para "um centro epistemológico no pensamento descolonial" (SAUNDERS, 2017, p. 108) para desafiar, também, a raça do sujeito universal do Ocidente. Além disso, o corpo negro é o corpo sexualizado por excelência no imaginário do colonizador. O

debate decolonial sobre identidade, muitas vezes, opera dentro da mesma lógica da Teoria Queer, ou seja, a necessidade de diluir as categorias em voga a fim de incorporar elementos nativos e não-ocidentais está afinada com o processo de desconstrução proposto nesse campo.

## **Identidade e estratégia política**

Pensando as vivências como múltiplas e fluidas, Rich (2010), então, não reivindica uma identidade para a lésbica, antes considera que esta é engendrada pelo mesmo mecanismo que institui a “mulher” e o “homem”. Uma vez que essas duas categorias deixassem de existir, a própria lesbianidade seria uma impossibilidade. Entretanto, a feminista reivindica politicamente essa identidade.

Em “Corpos que Pesam” (2011), Butler explica que o sexo é uma prática regulatória que produz os corpos que ela controla. Assim, o sexo é materializado através da reiteração dessas normas. Por serem normas coercitivas, percebemos que os corpos não se conformam com essa materialização. Se entendermos sexo como norma, o gênero pode ser considerado o resultado dessa materialidade. Assim, o corpo sexuado, embora pareça estável, está sempre a ponto de irromper e desmistificar a sua normatização (“A formação de um sujeito exige uma identificação com o fantasma normativo do sexo”, p. 155). Os corpos que resistem à produção de sexo/gênero mostram um caminho para romper com a normatização. Pensar em termos de identidade, nesse caso, seria um expediente meramente político e estratégico que não envolveria a ontologia do ser. Isso criaria uma relação paradoxal em que à medida em que o sujeito não se identifica, forma uma coletividade que o faz.

Preciado (2011) discute a desidentificação dos sujeitos queer, dialogando diretamente com Monique Wittig e a formulação já citada de que "lésbicas não são mulheres". Para o autor espanhol, é preciso pensar as identificações como estratégias políticas e lugares de resistência e, por que não, como provocação e deboche. As multidões queer estariam, então, lutando contra os apagamentos históricos promovidos "em proveito de um sujeito político 'mulher'" (p. 7).

As estratégias políticas nos três autores apontam para caminhos diversos. Se Rich (2010) preocupa-se com as identificações a fim de que o coletivo possa se formar e atuar como *continuum* lésbico, Butler (2011) parece propor que o grupo se antecipe, já que mesmo que não use a identidade como um agregador, será identificado a partir da sexualidade pela sociedade hegemônica. Preciado (2011), por sua vez, acredita que as fendas abertas pelas multidões queer podem visibilizar existências que tem atuado nas sombras.

## Conclusão

A noção de identidade começa a ser duramente questionada pelos Estudos Culturais na década de sessenta. Instáveis e descentrados, os processos de identificação do sujeito na pós-modernidade encontram um mundo em transformação e as ciências sociais buscam adequar seus conceitos a essa nova "realidade".

Stuart Hall (1999) pondera que talvez as identidades sempre tenham sido transitórias. Essa consideração abre caminho para que o conceito seja discutido de maneira tão radical a ponto de quase eliminá-lo.

Wittig (2022) e Rich (2010), por exemplo, pensam na identidade lésbica como um resíduo da sociedade que tem como pilar organizativo a heterossexualidade compulsória. Uma vez que se forjam as identidades de homem e mulher, os homossexuais aparecem como desvio das relações naturalizadas.

Butler (2003 e 2011) enxerga no “desvio”, a inoperância do sistema de generificação. Para ela, os corpos são produzidos através da ideia de sexo biológico. Uma vez que o corpo esteja criado, espera-se dele coerência. De um corpo masculino, espera-se um homem; de um corpo feminino, espera-se uma mulher. De ambos, espera-se heterossexualidade.

Mas são justamente os corpos que não cumprem seu destino que nos mostram as possibilidades de escapar dessa produção. Ela percebe que o que chamamos de identidade são, na verdade, atos performativos. Nossos corpos repetem aquilo que deles se espera porém há possibilidade perene de erupção. Assim, não estaríamos descentrados, antes estaríamos performativamente criando novas possibilidades. Preciado (2011, 2020 e 2020a) chama tais possibilidade de multidões queer.

A identidade, na visão butleriana, seria importante, entretanto, do ponto de vista político, uma vez que as lutas sociais precisam se agrupar em torno de atores e atrizes concretos.

Assim, em tensão com as estruturas que formam o ser social e prescindindo da chancela tradicional, a lesbianidade (e a transgeneridade) são terrenos fecundos para que pensemos diferentes questões contemporâneas.

## Referências

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BOZZANO, Caroline Betemps. Feminismos transnacionais descoloniais: algumas questões em torno da colonialidade nos feminismos. *Revista Estudos Feministas*, v. 27, n. 1, 2019, p. 1–7.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: Louro, G. L. (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CABRERA, Olga e IBARRA, Isabel. Stuart Hall : processos culturais identitários, as teorias feministas e a emergência da questão racial. *Projeto História*, São Paulo, n. 56, pp. 92-116, Mai.-Ago. 2016.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. *Cartografias dos estudos culturais uma versão latino-americana*. ed. on-line – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 1999.

KNUDSEN, Patrícia Porchat Pereira da Silva. Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. *Revista de Estudos Feministas*, 2010, vol.18, n.1, pp.161-170.

LEAR, Martha Weiman. The Second Feminist Wave. *The New York Times*, 10 de março de 1968. <https://www.nytimes.com/1968/03/10/archives/the-second-feminist-wave.html>

MAYORGA, Claudia et al. As críticas ao gênero e a pluralização do feminismo: colonialismo, racismo e política heterossexual. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 2, maio-agosto, 2013. p. 463-484.

MOGROVEJO, Norma. El sujeto lesbiana en el pensamiento feminista latinoamericano. Conferência apresentada no XIV Congreso de Filosofía. *Identidad y diferencia*. Mazatlán, México, 2008.

PRECIADO, Paul B. *Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”*. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 19(1): 312, janeiro-abril/2011.

PRECIADO, Paul B. “One day we’ll see assigning gender at birth as brutal”.

Revista online I-D Vice. Tradução: Sara Wagner York. 2020. Disponível em:

[https://i-d.vice.com/en\\_uk/article/jgeb4b/paul-b-preciado-one-day-well-seeassigning-gender-at-birth-as-brutal](https://i-d.vice.com/en_uk/article/jgeb4b/paul-b-preciado-one-day-well-seeassigning-gender-at-birth-as-brutal). Acesso em: 18 mar. 2020.

PRECIADO, Paul B. Um apartamento em Urano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020a.

RIBEIRO, Diana; NOGUEIRA, Conceição; MAGALHÃES, Sara Isabel. As ondas feministas: continuidades e descontinuidades no movimento feminista brasileiro. Sul-Sul Revista de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), Bahia, v. 1, nº 03, p. 57-76, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufob.edu.br/index.php/revistasul-sul/article/view/780/989>.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Bagoas, Natal, 5, 2010. p. 17-44.

SAUNDERS, Tanya. Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária. Periódicus, n. 7, v. 1, maio-out, 2017.

TEIXEIRA, Meyre. "Votes for Women"?: o racismo como política de exclusão das mulheres negras na luta sufragista nos Estados Unidos. O Cosmopolítico, v. 5 n.2 dezembro 2018.

WITTIG, Monique. O pensamento hétero e outros ensaios. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

Recebido em novembro de 2022.

Aprovado em abril de 2023.